

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO

NEO ACADÊMICO

MARCOS ZERI FERREIRA

POSSE DA CADEIRA Nº 1

ARL – ACADEMIA RIBEIRÃO PRETANA DE LETRAS

PATRONO ALBERTO DE OLIVEIRA

ANTECESSORA EMÍLIA FERREIRA DA MATTA ROCHA

ANFITEATRO DO SESC TIBIRIÇÁ – RIBEIRÃO PRETO

- SET/02 -

Prezados Senhores,

Cabe-me, hoje, a honra de apresentar-lhes o escritor e neo-acadêmico Marcos Zeri Ferreira, que ora toma posse na cadeira nº 1 da ARL – Academia Ribeirãopretana de Letras, cujo patrono é o poeta parnasiano Alberto de Oliveira e a antecessora é a saudosa e querida Emília Ferreira da Matta Rocha, eminente e inesquecível educadora.

Ser acadêmico é missão que se cumpre dentro de uma sociedade. Antes, porém, deste papel importante, quem o ocupa é um ser humano. Por este motivo, antes do escritor, cumpre-me falar-lhes do homem Marcos Zeri Ferreira.

O Homem

Início com palavras do próprio neo-acadêmico:

“Nasci em Ribeirão Preto em 29/7/42. Sou filho de Antenor Ferreira e Adelaide Zeri Ferreira. Fiz o Grupo Escolar ‘Fábio Barreto’, o Ginásio no Colégio Metodista e o Científico na Associação de Ensino. Depois cursei a Faculdade de Direito ‘Laudo de Camargo’, formado na 2a. turma. Fiz dois anos de Estudos Sociais no Ateneu ‘Barão de Mauá’. Pelos rumos que a vida me impôs, acabei tornando-me empresário no ramo de jóias. Assumi a Joalheria do meu pai, que existe há 51 anos. Tenho dois filhos do primeiro casamento. Sou casado atualmente com a sra. Bertha Maria Sanches. Pertencço ao Grupo de Literatura ‘Flamboyant’ e à Ordem dos Velhos Jornalistas. Sou articulista do Jornal ‘A Cidade’.”

Estes dados dão algumas pistas de quem é o homem Marcos Zeri Ferreira, mas ainda é pouco. Colhemos o depoimento de sua esposa Bertha, que o desnuda um pouco mais e mostra algumas facetas da alma deste homem singular:

“Eu poderia falar tanta coisa sobre o Marcos... A nossa é uma história de amor abençoada por Deus, pelos nossos entes queridos mais próximos e inclusive por aqueles que já partiram, como nossos pais. Nós dois nos conhecemos em um lugar mágico, Machu Pichu (ele viajando com seu filho André e eu com meus ex-sogros). Eu, viúva fazia três anos, e ele desquitado há três também. Reencontramo-nos em um trem indo ao Lago Titicaca e, após uma série de ‘outras coincidências’, tivemos, ambos, a certeza de experimentar uma sensação de plena identificação, admiração e respeito. E um amor profundo e maduro começou a crescer. Hoje só posso dizer que o Marcos é o amor de minha vida, um homem sensível, de coração nobre e alma iluminada, que reconhece seus erros e tem a nobreza de espírito para emendá-los, além de um desejo constante de conhecimento e crescimento interior. Marcos torna a minha passagem pelo planeta mais fértil e feliz.”

A escritora Ely Vieitez Lanes conhece, como poucos, a trajetória e a produção literária de Marcos Zeri Ferreira, mas é sobre o amigo e o homem que ela nos diz:

“Marcos é meu amigo de longa data. Homem complexo, com uma grande sede e enorme curiosidade cultural. Agradam-me suas perquirições metafísicas, um certo desassossego. Ele é um verdadeiro espeleólogo, que vasculha suas grutas e percorre os bastidores, procurando sua verdade.”

Instigado por mim a falar mais sobre si mesmo, Marcos Zeri Ferreira acaba por nos fazer um depoimento emocionante, revelador do ser humano a que se referiu sua esposa Bertha e sua amiga Ely Lanes. Eis alguns trechos deste depoimento que são, também, o retrato de uma época, e já revelam o escritor e o homem sintonizado com seu tempo.

Primeiro fala de família, de sua infância e juventude.

“Meu pai foi um lutador. Era homem íntegro, sério e muito trabalhador. Amava uma mulher (minha mãe) que nasceu numa outra estrutura, um outro tipo de berço, era sonhadora... Eu sou o único filho. Na escola fui garoto travesso. Colei, matei aulas, vagabundeei e nunca fui um aluno modelo. As aventuras extramuros foram tantas! Não conseguirei relatá-las agora. Os meus primeiros anos acabaram por resultar dois tipos de humores bem definidos. Ora estava curtindo uma melancolia sem precedentes e para tanto fugia e arranjava válvulas de escape, ora estava a perseguir o meu Dom Quixote – meu pai... e por aí era feliz. A partir do meu envolvimento com a Mocidade da Igreja, recebi uma grande influência de Jonas Rezende, o nosso pastor. Naquela época dos Anos Dourados, o discurso era revolucionário, vivi a Jovem Guarda, Elvis Presley... Curti com intensidade a Bossa Nova, os festivais de canção, Nara Leão, Baden Powell, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, João Gilberto, Caetano, Gil, Bethânia e todos aqueles circuitos universitários. Chegamos a ter um Quarteto que se apresentava em festivais. O AI-5 (Ato Institucional) chocou-nos e começamos a viver o drama da Latino-América, principalmente Cuba, Chile, Brasil, Argentina... Pertencíamos aos Anos Dourados e acreditávamos, inocentemente, que o discurso teria a força de arrebentar com uma estrutura econômica perversa, que já estava delineada pelos americanos para nos colonizar de vez. Somos da época da minissaia, da pílula anticoncepcional, da conquista do espaço sideral pelo Gagarin, culminando com a chegada à Lua. Criticamos os moralistas, os ranços de um modelo de casamento hipócrita, defendemos o amor livre (sem ter noção exata do que isto poderia significar), fomos fãs de Agostinho dos Santos, Maísa, Roberto Carlos, Elis Regina, Jair Rodrigues, Milton Nascimento, João Donato, Carlos Lyra, Roberto Menescal, os irmãos Marcos e Paulo Valle. Essa foi uma época de protestos, greves, discursos políticos inflamados e muita repressão.”

Fala um pouco da idade adulta, da maturidade que chega e um pouco da consciência política...

“Amadurecimento mesmo só depois dos 45 anos, creio eu. Acho difícil um homem amadurecer antes disso. Essa maturidade depende também dos traumas e acontecimentos que atingem uma vida (às vezes, um jovem amadurece a fórceps) mas, creio, isto não acontece com a maioria. O Marcos adulto demorou a chegar, e, diga-se de passagem, está sempre se concluindo, a vida é um eterno aprendizado. Os acontecimentos da Latino-América e do Brasil dessa época, certamente, nos forjaram e nos experienciaram como cidadãos políticos, mais engajados e mais preparados para entender a miséria da nossa gente. O golpe contra Salvador Allende, o bloqueio contra Cuba e todo o aparato de repressão imposto pelos americanos no continente latino-americano, sob o comando de Henry Kissinger e da famosa Dina, comandada do Chile, cruzamento dos regimes militares para dizimar todos os focos de sublevação, todo esse exagero dos militares contribuiu para que muitas vidas fossem ceifadas, inocentemente. Muita gente foi mutilada, inclusive da Igreja, culminando com a escolha de Frei Tito, na França, que se suicidou por não suportar a repressão que arrebentou com as suas defesas psicológicas. Frei Tito mergulhou num caminho sem volta. Os EUA, com

medo do Socialismo, que chamavam de Comunismo, o consideravam a maior tragédia que poderia acontecer aos seus vizinhos cucarachas. Ditavam a forma de governo e a limpeza que os militares deveriam fazer para ‘salvar’, ora vejam, a América do Sul!”

... e dos sonhos atuais, entre eles, os literários. E manda uma mensagem aos jovens.

“Quais hoje os meus sonhos? Ser mais inteiro, consciente, e poder mergulhar e compreender melhor a mim, aos meus irmãos e cumprir a minha vida, certo de que combati, senão um bom combate, pelo menos o combate regular que me tem sido possível. Para integrar esta inteireza, busco tomar consciência do outro lado do cérebro, as outras experiências de estados transpessoais, buscando lampejos de uma outra transcendência que já vislumbrei, experienciei e muito me ajudou em meus ensaios de homem. De homem como um todo, da descoberta do Ser que em mim habita, longe das palavras, das nomeações. Desta sabedoria mais antiga e esquecida, venho desarquivando e trabalhando em terapias holísticas. Ensinaaram-nos a deletar e a emparedar o nosso lado intuitivo, os sentimentos mais profundos, nesta sociedade consumista, racionalista ao extremo, em que o homem só vale pelo que pode gastar, e o lucro que ele pode dar. Meu primeiro livro de crônicas, ‘Marco Zero’, é uma emoção intensa. Um parto do masculino. Aos poucos repercute de forma satisfatória. Meu primeiro livro é uma alegria que recebo, com cuidado, para não deixar inflar o ego. Tenho expectativas em relação a ARL de encontrar um ambiente que continue a fomentar a minha ânsia de leitura, de aprendizagem, de boa literatura. E também a de poder passar isto para as gerações que despontam, que, infelizmente, correm risco nas garras do ‘Reality Show’ que alimenta uma alienação sem limites e uma virtualidade monstruosa que precisam ser combatidas, criticadas, inteligentemente, à exaustão. As pessoas precisam ler mais, os jovens precisam ser estimulados a ler mais. País que não lê não se desenvolve, não forja cidadãos, acaba ficando na mão dos poderosos e de uma casta antropofágica. Dentro da ARL sinto que tenho mais e melhores condições de combater este bom combate. Estou feliz com 60 anos. Estou mais em paz comigo mesmo.”

O Escritor Marcos Zeri

Falamos do homem. E o escritor, senhores, quem é o escritor? Sobre este, Menalton Braff escreveu no prefácio do seu livro de crônicas ‘Marco Zero’, lançado neste ano de 2002, na 2ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto: *“Arguto observador do mundo, **voyeur** da sociedade contemporânea, com um texto bem cuidado sem deixar de ser profundo e sem abandonar a poeticidade.”*

Multivariadas são suas temáticas em suas crônicas. Canibalização político-econômica dos fracos pelos fortes, consumo de drogas, guerra da mídia e massificação inconsequente do povo, predomínio do financeiro sobre o econômico, exploração dos mais humildes pelos políticos, populismo, chantagem e conchavos políticos, rebeliões em presídios, sequestros, indigência urbana, Lei de Gérson, escândalos políticos e financeiros, baixa auto-estima como doença crônica nacional, casuísmos políticos... Tudo isso e muito mais faz parte do cenário de suas crônicas, que nos ajudam a interpretar a cruel radiografia deste surrealista Café Brasil.

Há crônicas de contundente sabor profético, tal a lucidez da síntese a que chega, como atestam Rebanho Obediente, de 15/08/1999: *“O rebanho continua obediente, seguindo seu pastor, mas já começa a dar mostras de indignação. Os caminhoneiros pararam o país. Os estudantes ameaçam novas paralisações. O MST avança de forma tumultuada... A corrupção*

e o fisiologismo campeiam... Este fenômeno chamado 'massa de inversão' está fermentando e clamando por justiça... Não é o que está acontecendo, de fato, em nossos dias, noticiado exaustivamente pela televisão, rádio, jornais e internet?

Há também um lúcido apontamento do mundo fim-de-século, período de conflito extremo, e tentativa desesperada de transformações, como nos retrata o texto Medusa deste Século: *“Assiste-se à falência das instituições em quase todos os cantos do mundo. E a família, os credos religiosos, as cartilhas políticas, tudo que o Ocidente construiu e recriou durante séculos esvai-se pelo esgoto das incertezas numa progressão geométrica. Perde-se o chão. Desesperado, sem compreender este apodrecimento, o homem busca na roupagem dos filósofos ou na bola de cristal dos místicos as razões para este desmoronamento”*.

Senhores presentes, este é um pouco do escritor que ora adentra a ARL. Cabe agora aos senhores ler e descobrir o texto viril e denunciador deste filho da terra.

Ítalo Moriconi, em seu livro “A Poesia Brasileira do Século XX”, editora Objetiva, 2002, afirma que *“cultivar as letras é querer saber das coisas, é cultivar o intelecto, a força do entendimento. A quem deseja enveredar por este caminho, recomenda-se: leia os bons romances, descubra os filósofos sérios, aprenda a amar a poesia. Na cama, na rede. Na poltrona, na mesa de trabalho. Sempre foi assim. É como nasce a tribo dos letrados.”* (página 7).

Nós recomendamos: leia os bons cronistas. Marcos Zeri Ferreira é um deles. Expõe como ninguém as mazelas da terra e as revela como se fosse um lambe-lambe distribuindo fotos 3 X 4 em praça pública.

Quem acompanhou o surgimento deste cronista no Jornal “A Cidade” há alguns anos e vem acompanhando a evolução de seu texto sabe que este duro caminho de que nos fala Ítalo Moriconi tem sido a sua senda. E a sua vereda.

Hoje as letras locais deram-nos este cronista excepcional que muito vai enriquecer o time da ARL e, portanto, é uma honra para este Sodalício acolher em seu seio mais este confrade, que tão bem soube fazer de seu tempo *“seu território de reflexão”* como precisamente escreveu Menalton Braff no prefácio do seu livro de crônicas.

Eis o homem! Eis o escritor! Eis o acadêmico!

As Boas Vindas

Seja bem vindo, Marcos Zeri. A ARL o recebe de braços abertos e, de público, já o convoca para a árdua tarefa de, neste país de contrastes, carregar a candeia acesa das letras, principalmente porque a escuridão é muita e o vento tanto. Para usar suas próprias palavras *“Literatura é iluminação, nem as sombras resistem.”*

Em nome de todos os acadêmicos, receba o meu abraço de boas vindas.

Ribeirão Preto, SESC –TIBIRIÇÁ, 27 de setembro de 2002.

Waldomiro W. Peixoto - Cadeira 22